

REVISTA RECORTE

Revista do Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura

ISSN 1807-8591

ALGUMAS ANOTAÇÕES SOBRE *CIÊNCIA, SUJEITO E OBJETO* NAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM.¹

(2ª. parte)

J. Guillermo Milán-Ramos
UNINCOR

Resumo: El *objeto* de conocimiento de la Lingüística es, en sí mismo, una “escena de conocimiento”, porque la Lingüística debe explicar como el niño adquiere (aprende, desarrolla) la lengua. El *objeto* de conocimiento de la Lingüística tiene dos fases, dos partes básicas: la competencia lingüística universal y las lenguas particulares. *Esas dos partes básicas constituyen una escena de conocimiento*, una relación *sujeto-objeto*, porque son los dos elementos esenciales del *proceso de adquisición del lenguaje*: la capacidad lingüística universal que existe en cada niño y la lengua particular (lengua materna) que ella deberá aprender.

Na Antiga Grécia nasce e se firma o que poderíamos chamar um “padrão de civilização”, a Cultura ou Civilização Ocidental, à qual pertencemos. Os grandes filósofos da Antiguidade grega – Sócrates, Platão, Aristóteles...– podem ser considerados os “pais” do mundo ocidental, porque eles, com sua grande obra, definiram e estabeleceram as grandes linhas de pensamento e conhecimento que constituem hoje a “racionalidade ocidental”.

Eles já se colocaram e refletiram sobre o que podemos chamar o “problema do conhecimento”: *o que é conhecer?; como o homem chega a conhecer?* Já na obra desses filósofos podem ser reconhecidas as questões que, na filosofia moderna, a partir do século XVI, são formuladas pelo ramo da filosofia chamada *Teoria do Conhecimento*.

A “cena” básica, a questão básica da Teoria do conhecimento é a seguinte:

sujeito <-----> objeto

¹ Este texto foi escrito com o intuito de apresentar a questão da relação entre ciência e linguagem para alunos iniciantes num curso de letras. A primeira parte foi publicada na *Recorte*, nº 7, e terá continuação em um número futuro desta revista.

isto é, um *sujeito* perante um objeto; um sujeito que se propõe *conhecer* um *objeto*; um sujeito estabelecendo uma *relação de conhecimento* com um objeto. Com esses elementos podemos, agora, compreender melhor os propósitos da Teoria do Conhecimento:

- como o sujeito pode conhecer o objeto?
- que atributos deve ter o sujeito para poder conhecer o objeto?
- o sujeito pode conhecer qualquer objeto, ou só aqueles para os quais já tem uma certa “predisposição”, uma certa “preparação”?
- quais são os fatores determinantes da relação de conhecimento?

O EMPIRISMO e o RACIONALISMO são as respostas que a Teoria do Conhecimento oferece a essas perguntas: *Empirismo* e *Racionalismo* são dois modos fundamentais de compreender o *sujeito*, o *objeto* e a *relação de conhecimento* que se estabelece entre eles. Empiristas e racionalistas vão responder de modo muito diferente a essas perguntas, ao tal ponto que, em princípio, podemos considerá-los antagônicos, inconciliáveis.

A palavra “empirismo” deriva do grego *εμπειρια*, que se traduz por “experiência”, uma palavra que tem muitos sentidos, mas quando falamos de empirismo estamos fazendo referência, sobre tudo, à *experiência enquanto informação proporcionada pelos órgãos dos sentidos*. O empirismo é considerado como uma doutrina –ou uma atitude racionalizada² através de uma doutrina ou teoria– de caráter *epistemológico*, isto é, *relativa à natureza do conhecimento*. Segundo o dicionário de Ferrater Mora (1994), o empirismo geralmente é considerado de acordo com dois aspectos:

(...) Segundo um deles, o empirismo afirma que todo conhecimento deriva da experiência, e em particular da experiência dos sentidos. Segundo o outro, [o empirismo] afirma que todo conhecimento deve ser justificado recorrendo aos sentidos³, de modo que só há conhecimento quando o que se afirma é confirmado (testificado) pelos sentidos. Esses dois aspectos freqüentemente estão muito relacionados. As vezes tem se chamado ao primeiro sentido “psicológico” (ou genético) e ao segundo “epistemológico”. (...) (p. 999).

² Da mesma forma que não devemos confundir empirismo e empírico, devemos diferenciar racionalismo e racionalidade. Racionalidade ou, no presente caso, atitude racionalizada, faz referência a uma atitude geral de inteligibilidade que privilegia o raciocínio como meio para a compreensão da realidade, e confia em que a realidade pode ser compreendida pela razão ou pensamento humanos.

³ Visão, tato, audição, olfato...

O uso de termo “empirismo” foi reservado, em grande parte, para fazer referência à filosofia clássica moderna, estabelecendo-se o contraste entre o “empirismo inglês” (Francis Bacon, Hobbes, Locke, Berkeley, Hume) e o “racionalismo continental” (Descartes, Malebranche, Spinoza, Leibnitz, Wolff). Muitas vezes o contraste entre empirismo e racionalismo tem sido comparado ao contraste entre empirismo e inatismo.

Ferrater Mora (*op. cit.*) afirma que existem vários tipos de empirismo: empirismo sensível, empirismo inteligível, empirismo moderado ou crítico, empirismo radical, empirismo “total”, empirismo “integral”, empirismo “dialético”, empirismo “lógico”... (p. 1000-1).

Passemos agora ao racionalismo filosófico. Segundo Ferrater Mora esse vocábulo pode ser compreendido de três modos:

1) Como designação da teoria segundo a qual a razão, equiparada com o pensamento ou a faculdade pensante, é superior à emoção ou vontade; temos então um “racionalismo psicológico”. 2) Como nome da doutrina na qual o único órgão adequado ou completo de conhecimento é a razão, de modo que todo conhecimento (verdadeiro) tem origem racional; nesse caso se fala em “racionalismo epistemológico” ou “racionalismo gnosiológico”. 3) Como expressão da teoria que afirma que a realidade é, em último termo, de caráter racional; temos aqui o “racionalismo metafísico”. (p. 2982-3).

Também segundo Ferrater Mora (*op. cit.*), o racionalismo psicológico é considerado como uma forma de “intelectualismo”, oposto ao “emocionalismo” ou “voluntarismo”. O racionalismo epistemológico se opõe ao empirismo e, freqüentemente, ao intuicionismo. O racionalismo metafísico se opõe ao realismo (“realismo empírico”) e ao irracionalismo (*cf.* p. 2983).

Destacamos o seguinte: para nosso estudo aqui o mais importante é compreender que Racionalismo e Empirismo constituem as duas posições básicas sobre a natureza do conhecimento (aspecto epistemológico), mas também é importante compreender que, a partir de uma perspectiva muito geral e abrangente, o racionalismo e o empirismo são duas “perspectivas” que vão muito além da referida questão epistemológica: poderia se dizer que eles condensam e traduzem duas “atitudes” básicas, duas “posturas” ou “formas de abordar” os problemas ou questões vitais humanas. São duas formas de “usar” a razão e a experiência, duas formas de racionalidade, dois tipos de atitudes culturais existentes em Ocidente. Esses dois modos freqüentemente se identificam com os contrastes que existem entre a cultura anglo-saxã (Inglaterra, Estados Unidos..., no

geral, a modelo cultural que se transmite pela língua inglesa), de tendência “empirista” ou “pragmática”, e o modelo cultural francês (Europa continental), “racionalista” e “especulativo”. Basta, por exemplo, assistir um típico filme inglês e um típico filme francês.

Sujeito e objeto na Lingüística

Na presente seção vamos desenvolver uma série de questões relativas ao sujeito e ao objeto da lingüística, e à relação entre eles. Na breve caracterização que faremos na continuação, o leitor vai poder perceber que *estaremos falando, basicamente, a partir do ponto de vista da teoria da Gramática Gerativa, de Noam Chomsky*. O “pano de fundo” teórico serão as idéias gerais que Chomsky propõe sobre a relação sujeito-objeto na lingüística, sobretudo o fato, novo na sua época, de que o *objeto da lingüística* – a relação entre a capacidade lingüística inata e as línguas particulares – acaba identificando-se com o *processo de aquisição da linguagem*.⁴

A *ciência moderna* (e especificamente a Lingüística) herda e desenvolve as questões colocadas pelo racionalismo e o empirismo. Pode se dizer que *o conhecimento científico se forjou no embate entre as posições racionalistas e empiristas*. É importante sublinhar então que a discussão original entre empirismo e racionalismo pertence ao campo da filosofia (especificamente, já dissemos, da Teoria do Conhecimento) e que ela foi desenvolvida e aprofundada depois no campo da ciência, e especificamente da Lingüística.

Mas voltemos à “cena” básica da Teoria do Conhecimento, “cena” na qual um sujeito *conhece* um objeto:

sujeito <-----> objeto

Um cientista, por exemplo, é um sujeito de conhecimento. Ele tenta compreender e explicar o objeto de conhecimento. Pense-se na Lingüística. Os lingüistas são *sujeitos de conhecimento* que, usando o método científico, desenvolvem teorias lingüísticas para descrever, representar e explicar seu(s) *objeto(s) de*

⁴ Na seção seguinte, na qual falaremos sobre o racionalismo e o empirismo na lingüística, vamos fazer diferente: a referência vai ser sobretudo a teoria estruturalista de Ferdinand de Saussure, com suas distinção entre linguagem, língua e fala.

conhecimento. Qual é o objeto de conhecimento dos cientistas-lingüistas, isto é, o objeto da Lingüística? O objeto da lingüística é a capacidade lingüística⁵ *comum* aos seres humanos, que permite a *cada um* deles a aquisição (aprendizado, desenvolvimento) de uma língua ou gramática particular, a língua materna⁶, e eventualmente de uma segunda ou terceira língua:

| | | |
|---|---------|--|
| sujeito de conhecimento (cientista, lingüista) | <-----> | objeto de conhecimento - capacidade lingüística universal - línguas (língua materna, etc.) |
|---|---------|--|

Mas, no campo da Lingüística não somente os cientistas-lingüistas são os sujeitos de conhecimento: o *sujeito (humano) apreendendo a falar* (isto é, a criança, o *infans*⁷) *é um sujeito de conhecimento*. Seu objeto de conhecimento é a sua língua materna, a língua que apreende a falar através da interação com seus pais, com as pessoas que cuidam dele, “escutando” linguagem em contextos significativos.

| | | |
|---|---------|---|
| sujeito de conhecimento: <i>infans</i> , criança (por exemplo, as crianças que nascem num país de língua portuguesa) | <-----> | objeto de conhecimento: língua materna (por exemplo, o português) |
|---|---------|---|

⁵ Isto é, a capacidade universal para desenvolver linguagem, capacidade compartilhada por todos os seres humanos no momento do nascimento. Essa capacidade universal foi chamada, por Chomsky, *Gramática Universal (GU)*, em oposição à *gramática particular*, que é o conhecimento estável, no falante adulto, de uma língua particular.

⁶ A *língua materna* da grande maioria das pessoas nascidas no Brasil é o Português (mas também as línguas indígenas e a Libras, que são a(s) língua(s) materna(s) nas comunidades indígenas e nas comunidades de surdos, respectivamente). Os brasileiros, cuja língua materna é o português, podem apreender uma segunda ou terceira língua (inglês, francês, espanhol, Libras...), mas, numa série de aspectos, esse processo de aquisição nunca vai ser igual ao da língua materna. Qual é a importância, para cada sujeito humano, da sua língua materna? O sujeito humano *é sujeito* precisamente porque atravessou o processo de aquisição da sua língua materna; ele passou a ser sujeito (subjetivou-se, transformou-se em sujeito de linguagem) graças ao processo de subjetivação que supõe a aquisição da língua materna. Mais do que um processo de aprendizado de uma língua, a aquisição da língua materna é *processo de subjetivação*, processo pelo qual o *infans* (criança que ainda não fala) subjetiva-se, transforma-se em sujeito humano, em sujeito de linguagem.

⁷ *Infans* = criança que ainda não apreendeu a falar. A *aquisição da linguagem* é o processo pelo qual a criança passa de *infans* a sujeito falante.

Isso quer dizer que a Lingüística tem que lidar com uma *cena de conhecimento dupla*:

| Lingüística (*) | | | | |
|---|---|---------|--------|---|
| Sujeito de Conhecimento | Objeto de Conhecimento | | | |
| Cientista-lingüista (teorias lingüísticas) | capacidade lingüística universal-inata + competência lingüística numa língua particular (português, chinês, etc.) | | | |
| | Processo de aquisição da linguagem (**) | | | |
| | <table border="1"> <thead> <tr> <th>Sujeito</th> <th>Objeto</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td><i>Infans</i>, criança (capacidade lingüística universal-inata)</td> <td>língua materna</td> </tr> </tbody> </table> | Sujeito | Objeto | <i>Infans</i> , criança (capacidade lingüística universal-inata) |
| Sujeito | Objeto | | | |
| <i>Infans</i> , criança (capacidade lingüística universal-inata) | língua materna | | | |

A *primeira cena de conhecimento* da Lingüística é a que domina o quadro anterior^(*): o cientista-lingüista, munido da teoria lingüística, estuda (descreve, explica) seu objeto de conhecimento. Esse objeto de conhecimento tem duas fases: o lingüista estuda tanto a capacidade lingüística universal, comum a todos os seres humanos, como as línguas particulares (isto é, descreve cada língua particular). Aqui chegamos ao ponto essencial: pode-se dizer que a primeira cena de conhecimento^(*) inclui, *do lado do objeto*, uma nova cena de conhecimento^(**). Isto é, *o objeto da Lingüística é, em si mesmo, uma cena de conhecimento: a relação entre um sujeito e um objeto*.

OBS – O artigo terá continuação em um número futuro desta revista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRATER MORA, J. (1994) *Diccionario de filosofía* (4 vols.). Barcelona: Ariel, 1999.

LYONS, J. (1981) *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.